

Eduardo Bessa Azevedo

Por que escolheu a Química?

Desde criança, eu sempre disse que ia ser químico. Eu acho que o que me encanta na Química é a manipulação da matéria, pegar e transformar as coisas. Acho que isso é o que realmente me chama a atenção. Fiz escola técnica, sou técnico em Química. Eu sou do Rio de Janeiro, então eu cursei a antiga Escola Técnica Federal de Química do Rio de Janeiro (ETFQ-RJ), que hoje é o Instituto Federal do Rio de Janeiro. Depois, na Graduação, cursei Engenharia Química na UERJ. Retornei, cursei uma segunda Graduação, que foi Licenciatura em Química. Por fim, fiz Mestrado e Doutorado em Engenharia Química na COPPE/UFRJ. Então, praticamente, só estudei Química na minha vida, embora eu goste muito de muitas coisas, como, por exemplo, de aprender idiomas. Mas a minha formação foi pesadamente em Química mesmo. Eu sou de Exatas, não adianta. Por exemplo, eu adoro Físico-Química, justamente pela junção do Cálculo, da Física e da Química. E, voltando, essa coisa de você manipular os reagentes químicos, manipular a matéria e entender o que está acontecendo visando obter um material de interesse, que vá melhorar a vida das pessoas, é muito gratificante.

Como foi a sua trajetória?

No último ano de Engenharia Química, eu já comecei a estagiar. Estagiei um ano, quando acabou o curso fui contratado e fiquei trabalhando uns 4 a 5 anos como Engenheiro Químico. Nesse meio tempo, cursei Licenciatura em Química. Aí eu descobri que eu não queria ser Engenheiro; queria ser Professor. Embora eu adore Engenharia Química, eu vi que ia ser muito mais feliz sendo Professor. Larguei a Engenharia, fui ser Professor ganhando a metade do salário que eu percebia como Engenheiro, mas eu fui ser feliz e sou feliz. Eu privilegio em minha vida a felicidade, não o dinheiro. Tendo terminando a Licenciatura, prestei um concurso para a escola técnica onde eu havia estudado. Passei no concurso e fui docente da ETFQ-RJ por 7 anos. Nesse meio tempo, eu estava já no Doutorado e fui trabalhar na UERJ, como professor temporário. Nesse meio tempo, abriu um concurso para docente da UERJ, no *campus* de Resende. Tendo sido aprovado, pedi exoneração da ETFQ-RJ e tornei-me docente da UERJ. Fiquei lá por aproximadamente 7 anos. Então, minha esposa prestou um concurso para trabalhar em Campinas. Ela foi aprovada e começou a trabalhar naquela cidade. Comecei, então, a ficar atento a concursos em ou nas proximidades de Campinas, pois só

nos víamos nos finais de semana. Surgiu então o concurso no Instituto de Química de São Carlos (IQSC). Prestei-o e desde 2007 sou docente do IQSC. Ano passado (2020) eu fiz “bodas de prata”, 25 anos de docência! Na ETFQ-RJ, eu lecionava Físico-Química para os cursos de Química, Alimentos e Biotecnologia. Quando depois começou o curso de Meio Ambiente, eu passei a lecionar também disciplinas da área ambiental. Na UERJ, eu lecionava disciplinas de Química e Meio Ambiente. O Mestrado e Doutorado foram focados em Engenharia Ambiental, dentro do Programa de Engenharia Química. Assim, minha formação foi caminhando toda para a área de Meio Ambiente. O concurso que prestei aqui no IQSC foi para ser docente da Ênfase em Ambiental. Então, eu estou “de cabeça” nessa área.

Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

Tudo é importante. Meu trabalho como docente tem a ver com ensino, pesquisa e administração/gestão do IQSC. Creio que a minha maior contribuição é a formação dos estudantes. Além do IQSC ter excelência em pesquisa, eu nunca perco de vista que estou em uma Instituição de Ensino Superior (IES). Para mim, o ensino vem em primeiro lugar. Procuro usar a minha experiência para que os estudantes (Graduação e Pós-Graduação) tenham uma formação sólida e carreguem o bom nome da IQSC. Eu faço pesquisa, publico artigos, consigo financiamentos para pesquisas. Tudo isso é importante para o IQSC. Mas, se eu tivesse de escolher a minha principal contribuição, seria mesmo na formação dos estudantes.

Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

Eu gostei muito de vir trabalhar aqui. Primeiramente, é um lugar que oferece tudo que eu preciso, como docente, como pesquisador, é um lugar que tem toda a infraestrutura necessária para o meu desenvolvimento na carreira. Acho que isso muito importante. Em segundo lugar, um fato marcante na minha história no IQSC, foi ter sofrido um AVC em 2010, após quase três meses de internação hospitalar e um ano e meio de licença médica, retornei ao trabalho. Naquela época, o IQSC (e a USP) fez todo o possível para que eu me reintegrasse e voltasse a trabalhar como docente. E assim, cá estou eu, trabalhando praticamente como antes. A única coisa que mudou é não poder mais ministrar aulas práticas. Embora eu adore estar no laboratório, o risco é muito grande para alguém como eu com problemas de locomoção. Mas fora isso, tudo normal. Inclusive, ousou dizer que hoje sou mais produtivo do que antes do AVC. Então, resumindo, o IQSC me forneceu toda a infraestrutura para eu poder exercer a docência, a pesquisa e, no

meu caso específico, depois do AVC, deu-me todas as condições para eu voltar a trabalhar. Sou muito grato por isso.

Como você se imagina fora do IQSC?

Eu me imagino aposentando, mas não me imagino trabalhando fora do IQSC. Pretendo me aposentar aqui, se depender de mim estarei aqui até o final, agora se eu vou me aposentar não sei, vai saber o que vai acontecer com a vida da gente... Eu não pretendo, necessariamente, trabalhar até o limite de 75 anos; vou até quando eu puder. A gente não sabe o dia de amanhã. Às vezes, a gente fica protelando muito a aposentadoria, aí se aposenta e logo desencarna. Eu quero me aposentar e ainda fazer muitas coisas. Pretendo me dedicar à divulgação e ao ensino do idioma Esperanto. Outra coisa que eu penso em fazer é escrever um livro de Química Ambiental, porque não há, praticamente, livros em português. Agora não consigo fazer isso, porque toma muito tempo. Eu tenho vontade de fazer outro curso de Graduação. Eu tenho muita vontade de fazer Filosofia, quem sabe? No entanto, uma coisa eu aprendi com o AVC: a não planejar demais a minha vida, porque tudo pode ser diferente...

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEX), no dia 17 de fevereiro de 2020, às 10h.